



Informativos Eletrônicos
do Setor Elétrico

ISSN 1678-6130



GESEL

Grupo de Estudos do Setor Elétrico

UFRJ

Parte da evolução do ESG, fundos sustentáveis conquistam firme adesão¹

Zeca Doherty²

É inegável o avanço da agenda ESG nos últimos anos nos mercados financeiro e de capitais no Brasil. Isso não é resultado de um fator único ou de ações isoladas: tem a ver com a convergência de esforços de diversos agentes, o que inclui a criação de produtos de investimento, o engajamento das companhias e iniciativas de regulação e autorregulação. Assim, não é nenhuma surpresa a adesão consistente do mercado à identificação de fundos sustentáveis lançada pela Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima) há três anos.

Os fundos IS (Investimento Sustentável), que declaram ter objetivos sustentáveis, em março deste ano acumulavam um patrimônio líquido de R\$ 28,3 bilhões, 325,5% mais do que em igual período de 2023. No caso dos fundos que declaram integrar práticas ESG, a alta foi ainda mais expressiva, de 426%.

Os dados sinalizam que essas identificações estão sendo a cada dia mais reconhecidas e valorizadas. Isso é uma ótima notícia, especialmente agora que o mercado americano está reavaliando suas iniciativas em prol da agenda ESG. A identificação dos fundos e outras ações pró-ESG representam uma oportunidade de o Brasil acomodar um fluxo de recursos voltados à sustentabilidade que pode refluir para o nosso mercado. Podemos assumir o protagonismo, e o conjunto de ferramentas acumuladas nos últimos anos pode ajudar nessa tarefa.

A identificação faz parte de um contexto amplo de amadurecimento da agenda ESG nos mercados no Brasil. A própria construção da autorregulação, processo que alinhou divergências para chegar a um modelo que fosse adequado ao mercado brasileiro, é um exemplo da curva de aprendizado. A iniciativa se mostrou acertada ao assumir um caráter principiológico em vez de prescritivo, como sugerem os dados dos últimos três anos, possibilitando a criação de produtos com as mais variadas estratégias. Nesse período, a Anbima atuou de forma educativa, apoiando o mercado na implementação das regras, desde o cadastro dos fundos até a divulgação de informações aos investidores.

Os critérios estabelecidos na autorregulação contribuem para um monitoramento contínuo dos fundos, oferecendo ao investidor visibilidade sobre as decisões de gestão, o engajamento com as empresas investidas e o comprometimento dos gestores com a sustentabilidade. Isso significa mais transparência.

O trabalho, no entanto, está longe de ser concluído. Embora os fundos sustentáveis tenham crescido de forma consistente até aqui, ainda há muito espaço para o

¹ Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

https://valor.globo.com/financas/coluna/parte-da-evolucao-do-esg-fundos-sustentaveis-conquistam-firme-adesao_gh.html Acessado em 09.05.2025

² Diretor-executivo da Anbima

lançamento de novos produtos de investimento quando se observa, por exemplo, que os fundos IS representam menos de 1% do patrimônio de R\$ 9,5 trilhões da indústria. Aliás, esse é um desafio que não se restringe ao mercado brasileiro. De acordo com relatório da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad), os fundos sustentáveis em 2021 ainda correspondiam a uma fatia pequena de 3,2% da indústria global de fundos.

Esse ponto deixa ainda mais evidente que, no nosso mercado, a identificação não é um fim por si só: ela é parte de um caminho para inserir de fato o mercado de capitais no financiamento da transição para uma economia de baixo carbono. E o momento agora é de levar os conceitos já aplicados aos fundos também para as ofertas públicas: recentemente foram lançadas diretrizes de autorregulação para a identificação do comprometimento de emissões com os critérios ESG.

Com a novidade, o mercado brasileiro passa a contar com requisitos mínimos para investimentos sustentáveis no “buy side” - que envolve os fundos IS e os que integram fatores ESG - e também no “sell side”, ponta que abarca os participantes das ofertas dos títulos que, no final das contas, serão ativos elegíveis para a composição das carteiras dos fundos.

Essa dinâmica circular dá mais força, transparência e credibilidade para o financiamento de atividades econômicas ligadas à sustentabilidade. Nunca é demais lembrar que esse é um dos assuntos quentes do ano, com a COP 30 no Brasil em novembro.

Em conjunto, essas ações de desenvolvimento dos fundos sustentáveis e das emissões - aliadas ao próprio avanço do ESG entre empresas, agentes do mercado e investidores - formam uma base sólida para o financiamento da agenda de sustentabilidade no Brasil. A autorregulação tem desempenhado o papel de ajudar a fortalecer a confiança e a transparência dos processos, o que é fundamental para que os recursos dos investidores interessados em sustentabilidade continuem fluindo para o lugar certo: projetos que realmente contribuam para a transição rumo a uma economia de baixo carbono.